

Loreley Garcia
Universidade Federal da Paraíba

Liane Schneider
Universidade Federal da Paraíba

Ártemis: por um feminismo crítico, artístico e libertário

RESUMO: A Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades esteve entre os periódicos que participaram do evento “REF 20 Anos: militância e academia nas publicações feministas”, em novembro de 2012, na cidade de Florianópolis, SC, Brasil. A Ártemis foi apresentada na mesa redonda “Desafios das publicações no campo feminista”, juntamente com as editoras dos periódicos Cadernos Pagu; Cadernos de Crítica Feminista, da ONG SOS Corpo; Revista Gênero (UFF) e ONG CFEMEA. Nossa apresentação pontuou a relação da revista acadêmica com os movimentos sociais, assim como as propostas editoriais, os objetivos futuros, as dificuldades enfrentadas e as estratégias de superação que nos permitem estar no oitavo ano da publicação. **Palavras-chave:** surgimento da Revista Ártemis; conexão com as ONGs feministas; projetos e linhas editoriais; revistas feministas; desafios e estratégias de superação.

Copyright © 2013 by Revista
Estudos Feministas.

Contextualização histórica da criação da Revista Ártemis

Como editoras do periódico, acreditamos que, a fim de compreender o lugar que a *Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades* ocupa dentro da área de publicações feministas, faz-se necessário relatar um pouco de sua trajetória. A primeira edição da *Revista Ártemis* foi lançada em dezembro de 2004 como resultado da feliz conjugação entre uma demanda da academia e as necessidades do movimento feminista da região de João Pessoa, Paraíba.

No ano de 2004, a ONG Cunha – Coletivo Feminista buscava, entre as pesquisadoras de estudos gênero da Universidade Federal da Paraíba, interessadas em elaborar a avaliação sobre o atendimento oferecido pelo PAMVVS – Programa de Atendimento a Mulheres Vítimas de Violência Sexual no estado da Paraíba. O projeto foi coordenado pela professora Loreley Garcia, que permanece no comitê editorial

da revista até hoje, e que, naquele momento, compôs uma equipe para desenvolver uma pesquisa na Maternidade Frei Damião, à época o único local onde fora implantado o programa que atendia vítimas da violência sexual na cidade de João Pessoa.

No que foi acordado com a ONG Cunhã Coletivo Feminista ficou decidido que, além do custeio do trabalho de campo, que previa diárias e bolsas para estagiárias como contrapartida ao trabalho da pesquisadora, a ONG financiaria a confecção de um periódico eletrônico sobre Feminismo, Estudos de Gênero e Sexualidades, considerando que não existia nenhuma publicação desta natureza na Universidade Federal da Paraíba, no estado como um todo e tampouco na Região Nordeste. Vale mencionar que atualmente a região conta também com a *Revista Bagoas*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e os *Cadernos de Crítica Feminista da*, ONG SOS Corpo, no Recife.

A própria história que recupera a forma pela qual a *Revista Ártemis* foi criada fez com que não houvesse um distanciamento ou uma tensão, pelo menos não da maneira como muitas outras editoras mencionaram na mesa redonda de apresentação, tensão essa identificada entre a prática política feminista, as formas de lutas contra o sexismo e a homofobia, e a produção de conhecimento teórico circunscrito à academia. Muito ao contrário, nas páginas da *Ártemis* estão descritas experiências políticas cotidianas que contemplam essa resistência, por meio de inúmeros instrumentos, como a arte, a poesia, a filosofia, o ativismo das *riot girls*, até resultados de pesquisa que transformam o feminismo em um método de análise, além de ensaios que produzem um novo tipo de conhecimento que nos permite enxergar certa materialização de uma epistemologia feminista.

A Revista Ártemis e seu formato ontem e hoje

A *Revista Ártemis* passou, logo a partir dos primeiros anos e volumes, a organizar suas publicações em forma de dossiês, artigos, traduções inéditas, resenhas de livros recentes, nacionais e estrangeiros, cartas, poemas e notas de pesquisa inéditas, desde que essas estivessem dentro do escopo definido pelo periódico em sua linha editorial. Desde sua criação, a revista jamais fez restrições com base em qualquer componente ideológico que censurasse ou cerceasse artigos ou autorias. Interessa-nos sobremaneira divulgar os novos conhecimentos, além de estudos críticos, artísticos, libertários e, até, iconoclastas. Por esse motivo, não nos alinhamos a nenhuma plataforma política e garantimos

o espaço para que possivelmente se critiquem todas essas, desde que com uma sólida fundamentação.

Anualmente, organizamos e disponibilizamos duas edições digitais da revista. As dificuldades envolvidas na busca por recursos financeiros a fim de garantir uma edição de excelente qualidade sempre se fizeram presentes, mas acreditamos que temos conseguido contornar essas questões, priorizando, assim, a contratação de serviços profissionais de revisão e diagramação e garantindo o padrão desejado para a *Ártemis* desde seu início. Em algumas ocasiões, essas dificuldades limitaram ou retardaram brevemente o lançamento de edições semestrais. Aliás, tal dificuldade não parece afetar somente nossa publicação, já que várias outras editoras de periódicos de estudos de gênero do país, presentes inclusive no evento *REF 20 Anos: militância e academia nas publicações feministas*, têm feito menção a essa mesma questão.

Nós, editoras da *Ártemis*, entendemos que tal problema decorre do fato de, além de enfrentarmos as dificuldades corriqueiras vivenciadas pelos editores e editoras da maioria dos periódicos acadêmicos no país, as revistas feministas e de estudos de gênero, por transitarem no campo da interdisciplinariedade, acabam por vivenciar um problema a mais. Essa dificuldade a mais resulta do fato de se vincularem, via de regra, a Programas de Pós-Graduação unidisciplinares que, por sua vez, possuem e mantêm suas próprias revistas, concentradas nas áreas específicas, sejam essas a História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Literatura, o que determina que uma espécie de “concorrência” ou competição por verbas se estabeleça no que diz respeito aos recursos para publicação disponíveis no Programa. Naturalmente, devido às exigências da avaliação dos cursos pela CAPES, a maioria dos Programas de Pós-Graduação acaba por priorizar as revistas da área específica. Assim, há ausência quase absoluta de programas de Pós-Graduação em Estudos de Gênero no Brasil, a exceção sendo a UFBA, que mantém um programa em estudos feministas, além de alguns poucos outros núcleos, laboratórios, institutos e grupos de pesquisa em gênero, que não podem arcar sistematicamente com o investimento que representa a editoração de tais periódicos.

Por outro lado, amearhar financiamento para publicações junto aos órgãos de fomento coloca-se como tarefa bastante difícil, uma vez que, sobretudo no caso das novas revistas, suas propostas esbarram nas exigências de indexações internacionais (ISI, Scopus, PubMed, Scielo), cujos requisitos possivelmente ainda não foram atingidos nos primeiros anos de vida de tais periódicos. Isso faz com que revistas mais recentes e com grande potencial de divulgação de material qualificado tornem-se projetos inviáveis devido à

falta de recursos, por vezes passando a atuar com certo amadorismo, pois não dispõem de recursos para contratar serviços profissionais qualificados. Com isso, cria-se um ciclo interminável de insucesso, pois o serviço amador, cheio de boa vontade, mas carente de profissionalismo, compromete a qualidade da revista que, dessa forma, nunca alcançará os patamares exigidos, por exemplo, pelo Scielo ou por outros indexadores, dificilmente obtendo, assim, financiamento para manter uma equipe qualificada que poderia elevar a qualidade da revista, bem como sua avaliação Qualis. Esse fato que destacamos afeta inúmeras frentes de trabalho e pesquisa no que se refere a tais publicações, pois muito provavelmente bons autores e mesmo pareceristas qualificados e reconhecidos na área demonstram pouco interesse em submeter textos ou colaborar com periódicos novos sem a qualificação mais alta desejada e valorizada. Acreditamos, porém, que, apesar de entender que a luta pelo investimento na qualificação do nosso segmento de publicações seja fundamental, deveríamos também poder contar com a solidariedade por parte de nossos pares, que devem continuar publicando e se dispondo a avaliar revistas que estão buscando e investindo em sua maior qualificação de forma realmente comprometida. De outra forma, cria-se um círculo vicioso, em que as publicações muito bem avaliadas mantêm essa posição, enquanto as de Qualis mais baixo permanecem sempre como espaços de “segunda categoria”. Há que se quebrar tais barreiras e restrições a fim de que o nível geral dos periódicos melhore.

Em 2011, a *Revista Ártemis* superou as limitações de recursos financeiros constantemente vivenciados ao ser contemplada pelo edital IPEA/PROESP nº 001/2011 – apoio à publicação de periódicos brasileiros em ciências humanas, através do qual pudemos dar início à versão impressa, sendo que tivemos dois volumes publicados em papel no ano de 2012 e a versão *epub* implantada no mesmo período. Apesar de termos consciência de que, para os órgãos avaliadores, a versão digital tem o mesmo valor ou até é mais bem avaliada do que a impressão no papel, acreditamos que, como uma espécie de celebração pela resistência da *Ártemis*, autores e comunidade mereciam receber, dessa feita, algo mais concreto em suas mãos.

Além disso, nossa intenção sempre foi poder enviar aos nossos indexadores e aos Programas de Pós-Graduação interessados volumes para suas bibliotecas, a fim de que o conhecimento publicado circule de fato e esteja acessível aos possíveis pesquisadores e estudiosos. Entre os anos de 2005 e 2010, a revista *Ártemis* sempre foi publicada digitalmente, porém, reconhecemos que era uma editoração bem mais amadora do que a que pudemos organizar nesses

dois últimos anos, graças também ao aprendizado ativo desenvolvido nessas experiências. A editoria anteriormente também ficou, por vezes, comprometida devido à alta rotatividade dos membros do conselho editorial. Somente no início de 2011, o conselho editorial estabilizou-se e passou a contar com poucas editoras, que, contudo, demonstram, grande comprometimento com a confecção da revista. Sabendo que a viabilização de qualquer trabalho é processual, acreditamos que as várias etapas foram úteis e necessárias para que atingíssemos um perfil mais definido para a revista.

No caso específico de nosso periódico, temos tentado formar um corpo coeso e amplo de pareceristas, que tem trabalhado em nossas avaliações nos últimos cinco anos, o que tende a definir certo patamar no que se refere ao nível e aprofundamento dos textos apresentados para publicação. Todos nossos pareceristas são doutores e estão inseridos em diversas instituições nacionais e mesmo internacionais. Antes mesmo de enviarmos qualquer texto para avaliação, observamos se as normas da revista foram seguidas, incluindo-se aí tanto as formalizações quanto as normas sobre autoria. Aceitamos textos apenas de doutores ou de pós-graduandos acompanhados de seus orientadores. Após essa triagem inicial, os textos passam por avaliação cega de dois pareceristas. Caso ocorra discrepância nas avaliações, um terceiro parecer é solicitado.

No que se refere à abrangência e alcance de nosso periódico, podemos constatar que recebemos artigos e leitores/as de toda a América Latina, bem como da Espanha, Portugal, EUA, Canadá, Alemanha, etc. Graças à implantação do sistema OJS fica bastante facilitada a verificação da origem de nosso público leitor, sendo que até fevereiro de 2013 registramos mais de 12 mil acessos à *Ártemis* digital, o que também é estimulado e viabilizado pelo fato de publicarmos artigos em três idiomas – português, espanhol e inglês.

Temos como nossos atuais indexadores as bases da Classe, do Latindex, Scientific Commons e Oaister database, sendo que também solicitamos ingresso no Redalyc, planejando futuramente solicitarmos a indexação ao Scielo, Sociological Abstracts, Hispanic American Periodicals Index (HAPI), International Political Science Abstracts, Social Sciences Citation Index, Índice de Ciências Sociais, EBSCO e na Modern Language Association (MLA). Somos, no momento, avaliadas em dez áreas do Qualis, mas sabemos que nossa característica é eminentemente interdisciplinar, podendo ser, de fato, avaliada em diferentes contextos que dialogam com os estudos feministas.

Metas e projeções para avançar na avaliação do periódico

Assim como, no início de nosso texto, afirmamos ser necessário certo retorno ao passado, rever a história da criação de nossa revista, percebemos que esse também é o momento de se visualizar o futuro, traçando metas e propósitos a serem perseguidos. Uma de nossas primeiras metas, de ordem bem prática, é manter a *Revista Ártemis* em suas atuais três versões, ou seja, no papel impresso, na versão digital e na *ebook*. Além disso, no intuito de incentivar nosso aprimoramento editorial, pensamos em ampliar nossa base de divulgação, dando maior visibilidade ao periódico nos volumes futuros, buscando principalmente a internacionalização crescente da revista. Pretendemos, além de planejar e organizar dossiês, convidar membros da comunidade acadêmica para que organizem também dossiês relativos às suas áreas específicas e em diálogo com os estudos de gênero. Com esses propósitos em mente, acreditamos que a segunda década desse século pode ser o momento ideal para que a *Revista Ártemis* floresça e amadureça, firmando-se como um terreno propício às discussões que acreditamos ser ainda sempre tão necessárias em nosso país e, mais especificamente, na região em que nos inserimos. Na verdade, desde a criação da revista, pretendemos divulgar as múltiplas facetas do “feminismo tropical”, marcando suas diferenças e seus diálogos com teorizações e publicações da área dos estudos de gênero produzidos em outros locais.

Vale mencionar que o nome “*Ártemis*” foi escolhido para o título do periódico porque simboliza a marca indelével que a revista pretende disseminar. Quando o movimento feminista entrou para a academia, na década de 1960, as mulheres lutavam pela transformação das relações entre os gêneros, buscando o empoderamento da mulher: o arquétipo da deusa Atenas estava expresso naquelas mulheres lógicas, racionais, competitivas que ocupavam espaços tradicionalmente masculinos: carreiras políticas, empresariais, científicas. Graças a elas, a configuração do feminino mudou ao longo das últimas gerações. Essas mulheres tiveram que ingressar e parcialmente adaptar-se ao mundo dos homens para provar que podiam ocupar papéis e posições antes proibidas ou tidas como inadequadas ao ‘belo sexo’. Acreditamos que hoje talvez seja inclusive hora de se ir além do gênero e do sexo, tentar boicotar ou desmascarar radicalmente o sistema de gênero patriarcal, apesar das dificuldades, inclusive linguísticas, de se sair dos binarismos viciados.

O século XXI trouxe o redimensionamento das prioridades do feminismo, que se fazia sentir desde a Terceira

Onda do movimento. Agora a demanda exige, não só uma nova sociabilidade, como também outras relações entre os seres e desses para com a Natureza. Um dos símbolos adequados para esse momento da história humana, a nosso ver, seria a deusa Ártemis, ou a mais completa recusa ou resistência (negando a reprodução ou imitação) ao mundo dominado pelo sexo masculino.

E é com essa escolha do nome, nos nomeando e definindo nossas identificações com a força que exala de uma divindade-mulher, que nos propomos a impulsionar mais e mais nossa revista, como a própria flecha de Ártemis, sempre apontada para o infinito.

Referências

- REVISTA ÁRTEMIS 2004- . Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis>.
- REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. 1992- . Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>.

[Recebido e aprovado em fevereiro de 2013]

Ártemis: Supporting a Critical, Artistic and Libertarian Feminism

Abstract: *Ártemis – a journal on Gender, Feminist and Sexuality Studies was invited to present its historical and political background in an event entitled “REF 20 Anos: militância e academia nas publicações feministas” (REF twenty years: militancy and academy in feminist publication). The event took place in November 2012, in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. The presentation on the Journal’s history was included in the round table “Desafios das publicações no campo feminista”, that is, “Challenges in the field of feminist publication”, together with editors from Cadernos Pagu, Cadernos de Crítica Feminista da ONG SOS Corpo, Revista Gênero (UFF) e ONG CFEMEA. Our presentation brought to light the existing relation between academic journals and social movements, as well as discussions on the editorial profile of our journal, our future objectives, difficulty faced as well as strategies of survival along the eight years of Artemis’ existence.*

Key Words: *Ártemis Creation; Connections with Feminist NGOs; Projects, Purposes and Editorial Profile; Feminist Journals; Challenges and Strategies of Survival.*